# IRÃO

## A GRANDE ESTRATÉGIA

UMA HISTÓRIA POLÍTICA

VALI NASR

CONTEXTO

# Índice


| | | |
|---|---|---|
| *Breve apontamento sobre o livro* | | 13 |
| *Agradecimentos* | | 15 |
| Introdução | | 19 |
| Capítulo 1 | O tear da História | 31 |

**Parte I: O martírio da revolução e da guerra**

| | | |
|---|---|---|
| Capítulo 2 | Em busca da independência revolucionária | 53 |
| Capítulo 3 | A luta para vencer a Revolução | 73 |
| Capítulo 4 | Uma Defesa Sagrada: Como a guerra transformou a estratégia do Irão | 91 |
| Capítulo 5 | Como a guerra forjou a República Islâmica | 127 |

**Parte II: Khamenei e a grande estratégia da resistência**

| | | |
|---|---|---|
| Capítulo 6 | Após a Guerra: Reforma ou Resistência | 145 |
| Capítulo 7 | Defesa Avançada: Em busca de profundidade estratégica para a Resistência | 183 |
| Capítulo 8 | A ascensão do eixo de Resistência | 205 |
| Capítulo 9 | O preço do êxito | 231 |
| Capítulo 10 | O Jogo Nuclear | 249 |
| Capítulo 11 | O preço da Resistência | 283 |
| *Notas* | | 301 |
| *Bibliografia* | | 353 |
| *Índice Remissivo* | | 383 |

# Breve apontamento sobre o livro

A presente obra não tem como objetivo apresentar uma história política exaustiva da República Islâmica do Irão, nem tampouco defende que a exploração do papel da segurança nacional na composição do estado e da evolução da sua grande estratégia deva ser feita à custa da omissão de outros fatores sociopolíticos relevantes que moldaram o Irão desde 1979. O que este livro faz é focar-se na origem e no desenvolvimento dessa estratégia nas últimas quatro décadas e meia, dando forma à perspetiva internacional e à política externa do Irão, e servindo para organizar o estado, a sociedade e a economia de modo a concretizar os objetivos nacionais.

O uso dos termos «segurança nacional» ou «estratégia», por exemplo, nesta obra não pressupõe a existência de um conjunto claro de documentos que apresentem planos de ação milimetricamente explanados. Dito isto, há debates no seio da classe dominante, dos eruditos e dos comentadores, seguidos de decisões estruturadas, que se transformaram em planos de ação palpáveis.

Este livro tem como fontes excelentes estudos em inglês e em persa sobre as relações externas e os desenvolvimentos domésticos iranianos, os quais influenciaram, ou refletem, as apreensões quanto à sua segurança nacional, tal como definida e discutida pelos iranianos. A narrativa assenta ainda profundamente em conversas realizadas com decisores, ativistas e líderes de opinião, bem como em histórias orais, memórias e entrevistas publicadas – sobretudo memórias políticas e de guerra editadas no Irão –, além de debates públicos sobre questões externas que tiveram lugar em vários fóruns académicos e públicos, a par da comunicação social iraniana. O objetivo é compreender a lógica, os pressupostos e a evolução do pensamento estratégico do Irão, tal como entendido pelos iranianos. Claro que é inevitável que se venha a tecer juízos de valor quanto à acuidade do pensamento analisado, mas fiz por garantir que tal não ofusca o objetivo central do trabalho.

Para conforto do leitor, empreguei no texto os antropónimos, os topónimos e os termos técnicos persas de uma forma simplificada que reflete a sua pronúncia comum em persa, ao invés do sistema académico que representaria a escrita em persa. Sempre que necessário, empreguei a transliteração comum de nomes ou termos habituais na língua inglesa. A única exceção prende-se com nomes e termos persas que surgem em citações diretas ou em títulos de obras publicadas em inglês. Por fim, nas notas, os títulos das fontes primárias e secundárias persas surgem apenas na sua tradução inglesa. Na bibliografia apresentamos citações completas em persa.

30 de agosto de 2024

# Introdução

A 7 de outubro de 2023, o grupo palestiniano Hamas lançou um ataque arrojado contra povoações e *kibutzim* israelitas a norte da Faixa de Gaza, matando cerca de mil e duzentos israelitas e fazendo mais de duas centenas de reféns. Além de chocado com a selvajaria e a escala do ataque, Israel ficou embaraçado com a facilidade com que o Hamas ludibriara os seus serviços de informação e atravessara a muralha defensiva, voltando a trazer a questão palestiniana para o centro das atenções mundiais. Israel reagiu com um assalto feroz contra a Faixa de Gaza. A devastação provocada pela guerra que se seguiu e a catástrofe humanitária que não se fez esperar, a par da perspetiva de uma guerra, primeiro, entre Israel e o Hezbollah, e depois, entre Israel e o Irão, representaram um ponto de viragem no Médio Oriente. A esperança, por parte dos Estados Unidos, de uma paz duradoura entre árabes e israelitas que servisse de base a uma integração económica regional e permitisse um corredor comercial que se estendesse desde o mar Arábico até ao Mediterrâneo foi substituída pela apreensão quanto a uma conflagração regional iminente.

Este foi não só o mais recente capítulo no conflito israelo-palestiano que já se arrasta há décadas, como também a arrojada manifestação da ascensão do Eixo de Resistência, uma aliança revisionista político-militar regional entre milícias com mentalidades semelhantes que vêm desde o Líbano até à Síria, passando pelos territórios palestinianos, pelo Iraque e pelo Iémen, formada e financiada pelo Irão e tendo como objetivo comum o desafio à América e a destruição de Israel.[1] O eixo pretendia exibir o seu poder e alcance, a par da sua capacidade de perturbar os planos estabelecidos pela América para a região.

O Hamas fazia parte do Eixo de Resistência e partilhava os objetivos estratégicos iranianos. O Irão e o seu aliado próximo, o Hezbollah do Líbano, treinara e financiara a ala militar do Hamas – bem como a sua organização paralela, a Jihad Islâmica Palestiniana –, ampliando as suas capacidades de